IX SINMCA
IX Simpósio do Noroeste Mineiro de Ciências Agrárias e
VIII Semana Acadêmica
25 a 27 de novembro de 2025

Principais espécies de carrapato encontradas em tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) no Brasil: uma revisão de literatura

Rita V. Maurício [1,*], Augusto G. B. C. Pereira [1], André A. Santana [1], Ayla J. B. de Sousa [1], Ludmilla M. S. Alves [1], Paulo E. R. Marques [1], Victor L. G. Batista [2], Thais R. S. Doni [3], Leticia G. Zanfagnini [4] e Gabriely A. do Amaral [5]

[1] *Graduando(a) em Medicina Veterinária - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Unaí-MG*
[2] *Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal (PPGBA), UFVJM, Diamantina-MG*
[3] *Professora adjunta, UFVJM, Unaí-MG*
[4] *Professora substituta, UFVJM, Unaí-MG*
[5] *Médica Veterinária, Unaí-MG*

***E-mail do autor principal:** rita.varela@ufvjm.edu.br

RESUMO EXPANDIDO

INTRODUÇÃO

O tamanduá-mirim *Tamandua tetradactyla* é um mamífero neotropical com ampla distribuição na América do Sul e presença em todos os biomas brasileiros, atualmente está classificado pelo Livro Vermelho da Fauna Brasileira como LC (menos preocupante), ou seja, não é uma espécie ameaçada de extinção. Dito isso, é um animal escansorial, de hábito majoritariamente noturno, cuja dieta baseia-se em formigas e cupins; suas características ecológicas influenciam suas interações com ectoparasitas, especialmente carrapatos do gênero *Amblyomma* e outros ixodídeos (Oliveira et al., 2017). Essas interações têm importância dupla: repercussões diretas para a saúde dos próprios tamanduás (anemia, lesões cutâneas, debilidade) e papel epidemiológico como reservatório na transmissão de patógenos vetoriais, com potencial de spillover entre fauna silvestre, animais domésticos e humanos, sobretudo em paisagens antropizadas (Szabó et al., 2019). Esse estudo visa sintetizar e organizar o conhecimento científico disperso sobre a parasitologia dessa espécie, a fim de ampliar a compreensão da interação entre hospedeiro e parasita.

DESENVOLVIMENTO

O estudo mais antigo encontrado que cita parasitismo de carrapatos em tamanduá-mirim é de 1928 na Revista de Agricultura, apontando o *Amblyomma nodosum* situado em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Mato Grosso como ectoparasita característico de tamanduá bandeira (*Myrmecophaga tridactyla)* e mirim (Junior, 1928). Posteriormente, em 2001 no Pantanal Sul-Mato-Grossense foram identificadas principalmente as espécies *A. cajennense*, *A. parvum* e *A. nodosum* em amostras coletadas de tamanduás bandeiras e mirins. De 20 tamanduás examinados *A. cajennense* ocorreu na maioria, contudo em tamanduás mirins verificou-se apenas *A. nodosum* e *A. parvum*. Os autores destacaram que *A. nodosum* em sua fase adulta é observado quase que exclusivamente em tamanduás, ou seja, há tendências de especificidade por hospedeiro adulto (Martins *et al.*, 2004). Ainda no eixo centro-sul do Brasil, uma amostragem abrangente (1999 a 2016) envolvendo 72 tamanduás-bandeira e 30 tamanduás-mirim do Sudeste e Centro-Oeste identificou 9 espécies de carrapatos: *Amblyomma auricularium*, *A. calcaratum, A. nodosum, A. ovale, A. parvum, A. sculptum, A. triste, Rhipicephalus microplus e R. sanguineus* sensu lato. Dos carrapatos coletados em *T. tetradactyla*, *A. nodosum* foi a espécie predominante com prevalência de infecção de 96,7%, seguido por ninfas de *A. sculptum*, *R. sanguineus* s.l. e ninfas de *Amblyomma spp*. Em contrapartida, *A. sculptum* foi muito mais abundante em tamanduás-bandeira do que em tamanduás-mirins. O mesmo estudo detectou DNA de *Rickettsia parkeri* (bactéria causadora da febre maculosa) em adultos de *A. nodosum* provenientes de *T. tetradactyla* de São Paulo e Mato Grosso do Sul, evidência de que carrapatos de tamanduás podem carregar agentes relevantes. Isso reforça o papel epidemiológico desses parasitas nos complexos agente-vetor-hospedeiro (Szabó et al., 2019). Corroborando com os estudos supracitados, um relato de caso clínico atendido na clínica veterinária universitária de Viçosa-MG descreveu a coleta de 10 carrapatos em um exemplar de *T. tetradactyla*, identificando *A. nodosum* e *A. calcaratum* (Neves, 2020). Mais recentemente,

uma tese de doutorado evidenciou que dos 4 tamanduás-mirim atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná, 2 deles apresentaram parasitismo por *A. calcaratum* adulto (Valente, 2021). Fora do eixo centro-sul, de 23 tamanduás *T. tetradactyla* atendidos no Centro de Conservação e Manejo de Fauna da Caatinga (Petrolina-PE), entre 2010 e 2016, dois apresentaram parasitismo por carrapatos. As espécies registradas foram *Rhipicephalus sanguineus* s.l. (5 fêmeas) no primeiro animal; *Amblyomma auricularium* (uma larva, 18 ninfas e uma fêmea) e *Amblyomma sp.* (seis larvas) no segundo animal. A ocorrência de *R. sanguineus* s.l. em tamanduá-mirim foi interpretada como provavelmente associada ao compartilhamento de habitat com cães domésticos infestados, além disso o estudo destaca o registro inédito da larva de *A. auricularium* em *T. tetradactyla* no bioma Caatinga (Oliveira et al., 2017). Ainda no nordeste, duas fêmeas de tamanduá-mirim atendidas no Hospital Veterinário da UFERSA (Universidade Federal Rural do Semi-Árido) apresentaram infestação por carrapatos das seguintes espécies: *A. auricularium* (oito ninfas e dois machos adultos) e *Rhipicephalus linnaei* (um macho adulto) da fêmea adulta; *A. parvum* (três ninfas encontradas) da fêmea juvenil. É o primeiro registro de parasitismo por *A. parvum* e *R. linnaei* em *T. tetradactyla* no estado do Rio Grande do Norte (Moreira *et al.*, 2025).

CONCLUSÃO

Os estudos analisados mostram que o tamanduá-mirim no Brasil é parasitado por diversas espécies de carrapatos, com variação espacial e por estudo. Entre as mais citadas estão *Amblyomma nodosum, A. auricularium* e *A. calcaratum*, além de registros esporádicos de *Rhipicephalus sanguineus* s.l. Além do desconforto e dano direto ao indivíduo (lesões, possível anemia em infestações intensas), alguns dos carrapatos coletados em tamanduás carregaram DNA de *Rickettsia* (*R. parkeri*), o que sublinha o papel desses parasitas na dinâmica de doenças vetoriais com interface silvestre-doméstica-humana. Ou seja, a presença de carrapatos associados a ambientes antropizados indica também caminhos de contato que podem ameaçar populações locais de fauna e aumentar risco zoonótico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UFVJM e as orientadoras pela oportunidade.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio). Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Volume I. Brasília, DF: ICMBio/Ministério do Meio Ambiente, 2018. 492 p. ISBN 978-85-61842-79-6.

JUNIOR, S. T. P. Carrapatos transmissores da babesiose (piroplasmose) dos animaes domésticos. **Revista de Agricultura**, v. 3, n. 5 e 6, mai./jun. 1928.

MARTINS, João Ricardo et al. Ocorrência de carrapatos em tamandu-bandeira Myrmecophaga tridactyla e tamandu-mirim Tamandua tetradactyla na região do Pantanal Sul Mato-Grossense, Brasil. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 34, n. 1, p. 293-295, jan./fev. 2004.

MOREIRA, C. C. et al. New records of fleas and ticks (Siphonaptera and Ixodida) parasitizing wild mammals in Mossor Municipality, Rio Grande do Norte State, Brazil. **Veterinary Research Communications**, v. 49, p. 169, 2025.

NEVES, Letícia da Silva et al. Ocorrência de carrapatos Amblyomma spp. em Tamandu-mirim Tamandua tetradactyla atendido na clínica veterinária do Centro Universitário de Viçosa (UNIVIOSA). **XII Semana Acadêmica de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Acre**, 2020.

OLIVEIRA, G. M. B. et al. Ocorrência de carrapatos em Tamandua tetradactyla Linnaeus, 1758 na Caatinga, Nordeste do Brasil. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 69, n. 4, p. 865-869, 2017.

SZAB, M. P. J. et al. Ticks and Rickettsia on anteaters from Southeast and Central-West Brazil. **Ticks and Tick-borne Diseases**, v. 10, p. 540-545, 2019.

VALENTE, Jéssica Damiana Marinho. *Patógenos transmitidos por carrapatos e micoplasmas hemotrópicos em ouriços-cacheiro (Sphiggurus villosus) e tamanduás-mirim (Tamandua tetradactyla), Paraná, Brasil*. 2021. Tese (Doutorado em Ciências Veterinárias) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Curitiba, 2021.